

LORDE, Audre. (1985). **Sou sua irmã: escritos reunidos e inéditos de Audre Lorde**. São Paulo: Ubu Editora, 2020, 224 pp.

“Não quero ser tolerada nem chamada de algo que não sou”: Audre Lorde e a importância do reconhecimento da diferença em “Sou sua irmã”

Stefanie de Almeida Macêdo¹

“Nenhum de nós é livre para escolher condições de vida até que todos sejamos livres para escolher esses termos [...] sabemos que não precisamos nos tornar cópias uns dos outros para sermos capazes de trabalhar juntos. Sabemos que, quando damos as mãos ao redor de nossas diferenças, a diversidade nos concede um grande poder. Quando pudermos nos armar com a força e a visão de todas as nossas diversas comunidades, então, enfim, seremos verdadeiramente livres.”
(Audre Lorde)

Ganhando difusão no circuito literário e acadêmico brasileiro desde a publicação da tradução de “Irmã outsider” em 2019, Audre Lorde se apresenta como uma das vozes necessárias para compreendermos nuances importantes do feminismo negro e de pioneirismo no debate sobre a não hierarquização das opressões sociais. Nascida no Harlem, Nova York, em 1934, a escritora realizou sua formação acadêmica na área da biblioteconomia e dedicou-se ao trabalho com mulheres negras na construção de uma nova sociabilidade, tanto por meio de sua produção acadêmica ensaística quanto pela sua criação poética.

“Sou sua irmã” chega ao público brasileiro 35 anos depois de sua publicação original, em 1985, em meio a um esforço conjunto de quatro editoras para veiculação mais ampla do pensamento de Audre Lorde em nosso país a partir das traduções de ensaios, conferências, autobiografia e poesias presentes em “Entre nós mesmas” (1976/2020), “A unicórnica preta” (1978/2020) e “Zami, uma biomitografia” (1983/2021). Embora essa difusão só venha a ocorrer cerca de 30 anos após sua produção original, é flagrante o fato de o pensamento de Lorde já estar presente há mais tempo no interior de comunidades feministas negras, como destaca Djamila Ribeiro (2020), organizadora e apresentadora de “Sou sua irmã” (1985/2020), livro que conta com a tradução de Stephanie Borges.

A obra é organizada em três partes, as quais trazem temas que persistem em toda sua produção, como o reconhecimento da diferença enquanto potência criativa direcionada para a mudança, a necessidade de rompimento com o silêncio, a potência da linguagem poética e o

¹ Mestranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Membro dos grupos de pesquisa Psicologia e Teoria Crítica (Feirafurt) e Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica (Paralaxe). Contato: stefanieamacedo@gmail.com.

conhecimento de sentimentos como a raiva, por exemplo. Na primeira parte do livro, “Diferença e sobrevivência”, encontramos ensaios que ratificam a ideia de que uma opressão não justifica a outra. “Minhas palavras estarão lá”, a segunda parte da obra, é composta por resenhas e ensaios que versam sobre a sua experiência com a escrita e a questão da linguagem poética. Por fim, em “Uma explosão de luz”, encontramos os relatos da autora sobre a vivência com o câncer de fígado descoberto em 1984.

Audre Lorde se apresenta intensamente nesta obra como mulher negra mãe lésbica poeta professora – assim mesmo, sem vírgulas, como uma conjunção única, indivisível em cada uma dessas expressões, que devem ser tomadas em sua inteireza na construção de sua palavra e de sua identidade, elaboradas mutuamente. A importante pergunta “como nos organizamos em torno de nossas diferenças, sem negá-las ou lhes dar proporções explosivas?” (LORDE, 1985/2020, p. 19) ecoa nas reflexões desenvolvidas ao longo de todo o livro de forma perene e em uma reflexão constante sobre o reconhecimento.

No ensaio que nomeia a obra, a autora reflete sobre a ausência de homogeneidade em grupos identitários e encontra justamente nessas diferentes facetas a potência para um trabalho conjunto e criativo: as diferenças não devem ser ignoradas ou transformadas em um obstáculo intransponível desagregador, mas reconhecidas: “escolher definir minha diferença, assim como vocês devem escolher definir as suas, reivindicá-las e usá-las criativamente antes que alguém as defina por vocês e as use para erradicar qualquer futuro, qualquer mudança” (LORDE, 1985/2020, p. 44). Por isso:

Não podemos separar nossas opressões, ainda que elas não sejam as mesmas. Nenhum de nós será livre até que todos sejamos livres; e qualquer movimento por dignidade e liberdade também é um movimento por nossas comunidades, pelos irmãos e pelas irmãs, quer eles reconheçam isso, quer não. Entre nós, a diferença não deve ser usada para nos separar, e sim para criar energia para a mudança social ao mesmo tempo que preservamos nossa individualidade. E, embora tenhamos sido programados para olhar uns aos outros com medo e desconfiança (a velha tática de “dividir para conquistar”), podemos superar esse medo aprendendo a respeitar nossas visões de futuro mais do que os terrores do passado. E isso não pode ser feito sem um trabalho pessoal árduo e, às vezes, análises dolorosas da mudança (ibidem, p. 52).

Ao reconhecer a diferença entre os sujeitos, que apresentam marcadores identitários diversos que devem ser respeitados, reconhece-se também a semelhança dos objetivos para a construção de um futuro comprometido com a sobrevivência de nosso planeta e da humanidade. As diferenças não devem ser usadas como arma de separação e confusão. No processo de reconhecimento dessas diferenças, “precisamos falar sobre o que fazemos uns com os outros, não importa quais dores e raivas tenham de ser desenterradas com essas

conversas”, pois “somos importantes demais uns para os outros para nos desperdiçarmos em silêncio” (LORDE, 1985/2020, p. 114).

A relação com o futuro também se dá em reflexões tecidas sobre a infância. Longe de uma visão sentimentalista, Lorde apresenta uma perspectiva de responsabilização da maternagem como tarefa necessária para o fortalecimento da possibilidade de uma mudança social efetiva, seja pela via de discussão sobre as consequências das opressões, seja por uma instrumentalização das crianças frente a elas, como numa elaboração dos usos da raiva, tema recorrente em sua obra (LORDE, 1984/2019; 1985/2020). Os caminhos pelos quais estes circuitos de opressão podem ser rompidos são considerados passos importantes na construção de um horizonte comum, no qual haja evidência de quais são os propósitos implicados nessa mudança, já que, “se devemos criar nossas crianças para que sejam guerreiras, e não apenas bucha de canhão, no mínimo sejamos muito claras a respeito de qual guerra estamos lutando e qual será o formato inevitável que a vitória exibirá” (LORDE, 1985/2020, p. 28). É sobre a infância que também recaem as discussões sobre as violências reiteradamente sofridas pelas crianças negras e sobre a fome, pautas emergenciais na construção desse horizonte.

Se vemos na mulher negra a figura de maior exploração e desigualdade em nossa sociedade, também é na voz delas que encontramos as possibilidades de romper com as máscaras e mordanças sonoras, considerando que a opressão forma condições de resistência. E a linguagem poética é uma das formas pelas quais essa resistência acontece: “a poesia faz alguma coisa acontecer” (LORDE, 1985/2020, p. 106), ela oferece as bases para construção da *autodefinição* dos sujeitos, processo extremamente importante para as mulheres negras, que tomam sua identidade como ponto de partida (COLLINS, 2019). Por meio da poesia, Lorde (1985/2020) lida com sua inteireza e indivisibilidade, e alerta o quanto cada pedaço de si é imprescindível na construção dessa autodefinição:

Minhas amigas, sempre haverá alguém tentando usar uma parte de vocês e, ao mesmo tempo, as encorajando a esquecer ou destruir todas as outras. E aí vai um aviso: isso é a morte. A morte como mulher, a morte como poeta, a morte como ser humano. Quando o desejo por definição, de si mesma ou de outra, vier de uma vontade de limitação em vez de expansão, nenhuma face verdadeira será capaz de emergir. Porque qualquer ratificação do exterior só pode reforçar, e não fornecer, minha autodefinição (p. 89).

Por meio da escrita, um processo que é tanto de ensino quanto de aprendizagem, a poesia é tomada como a professora que ensina algo a partir do sentimento que é compartilhado, ensina a sobreviver, a pavimentar horizontes e a cavar boas trincheiras. E é por meio da poesia que emerge o “sinto, logo posso ser livre” (p. 109) em contraposição ao colonizador moderno “penso, logo existo”, implementando a liberdade por meio da expressão

linguística e se constituindo como “esqueleto arquitetônico da vida” (p. 108), numa imbricação inevitável entre a poesia e a vivência.

Também nesta obra, a autora aborda a questão das mulheres hifenizadas (afro-americanas, afro-alemãs, afro-asiáticas), tema que é apresentado com bastante nuance no documentário que acompanha sua vivência em Berlim entre os anos de 1984 e 1992 (SCHULTZ, 2012) e sua presença transformadora no reconhecimento de mulheres alemãs negras que não encontravam reverberação de sua identidade na realidade que viviam, encontravam-se desenraizadas. Para Lorde (1985/2020, p. 41), “conexões entre africanos e afro-americanos, afro-europeus e afro-asiáticos são reais, ainda que às vezes vistas de modo tênue, e todos nós precisamos examinar sem sentimentalismo ou estereótipo o que a injeção de africanidade na consciência sociopolítica do mundo pode implicar”. Embora estes grupos hifenizados sejam minorias nacionais, é necessária sua compreensão mais ampla enquanto sujeitos, como membros da diáspora africana que se encontram em todos os continentes, sendo a conexão por esta herança o aspecto mais importante da construção de uma comunidade global, por isso “a essência de um feminismo verdadeiramente global é o reconhecimento da conexão” (ibidem, p. 125).

O desgaste dos tratamentos e das consequências físicas e emocionais da descoberta do câncer contrastam com a força de uma mulher consciente de sua responsabilidade enquanto professora poeta humana, que se dedica ao compromisso de ratificar sua prática, seja em organizações, em aulas ou falas públicas, com uma postura destacadamente autoconsciente da imbricação radical entre o pessoal e o político em sua vivência. Nos diários compilados em “Uma explosão de luz” encontramos Audre Lorde (1985/2020) nas entrelinhas de uma dupla sobrevivência, relacionada tanto às consequências do câncer de fígado quanto às mazelas das opressões vividas pelo racismo. Em contato potencial com mulheres negras de nacionalidades diversas, volta a destacar a importância da diferença na construção, ressaltando a ideia de que “não importam que sejam as diferenças que dificultem a comunicação entre nós e outros povos oprimidos, como afro-americanas devemos reconhecer que representamos para alguns uma nova síntese social que o mundo ainda não experimentou” (ibidem, p. 150).

Como uma autora eminentemente interseccional, que considera o intercruzamento das avenidas identitárias e da vivência não hierarquizada das opressões sociais (AKOTIRENE, 2018), Lorde nos presenteia com debates profundos sobre temas ainda fortemente latentes nos tempos de hoje, como a necessidade de uma perspectiva anticolonial e o debate sobre um feminismo consciente de sua relação com as questões nacionais e mundiais, como nos

relembra também Angela Davis (2018, p. 99): “o feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que o gênero”.

Com as palavras de Lorde nos deparamos com a necessária complexificação dos debates sobre gênero, raça, orientação sexual, colonialismo, tudo isso mergulhado em uma profunda implicação com o poder da linguagem na construção do caminho para uma mudança social efetiva. Esta complexificação nos aproxima de debates que foram tecidos no solo brasileiro, por exemplo, como aqueles desenvolvidos por Lélia Gonzalez (2018) e Sueli Carneiro (2019), que abordam a forma como as diferentes formas de opressão se organizam e constituem a identidade nacional a partir de um ponto de vista feminista negro. Com as questões levantadas em sua proposição interseccional, Lorde nos aponta caminhos para a possibilidade de construção de um futuro de comunidade mais forte, com reconhecimento efetivo das diferenças.

A partir das ideias ratificadas pelo pensamento feminista negro, tradição a qual Lorde se filia, podemos remeter à fala de Conceição Evaristo trazida por Djamila Ribeiro (2018, p. 19), numa reflexão sobre o processo de silenciamento da linguagem decorrente do racismo em sua experiência: “nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara”. Sem dúvidas, encontramos nas palavras e na força de Audre Lorde a potência dessa voz, que ressalta como o sangue negro fala em verso, crítica e prosa.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Jandaíra, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro.** São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** São Paulo: Boitempo, 2018.

GONZALEZ, Lelia. **Primavera para as rosas negras:** Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana: 2018.

LORDE, Audre. (1978). **A unicórnica preta:** poemas. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

_____, Audre. (1976). **Entre nós mesmas**: poemas reunidos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

_____, Audre. (1984). **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____, Audre. (1985). **Sou sua irmã**: escritos reunidos e inéditos de Audre Lorde. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____, Audre. (198). **Zami, uma biomitografia**. São Paulo: Elefante, 2021.

OS anos de Berlin – de 1984 a 1992. Direção de Dagmar Schultz. Alemanha: Salzgeber & Co Medien. 2012. Mídia online.

RIBEIRO, Djamila. Apresentação. In: LORDE, Audre. (1985). **Sou sua irmã**: escritos reunidos e inéditos de Audre Lorde. São Paulo: Ubu Editora, 2020, p. 7-10.

_____, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.